N.º 37 (159) — 4.º ANNO | Terça-feira, 25 de Julho de 1911 | PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

PRESIDENCIA IDEIAL

SILVA E SOUZA

Afinal ainda quer que seja mais infantil? Melhor é fazel-os ministros logo que nasçam!

(Palavras do discurso do sr. Bernardino Machado, nas camaras: Ser presidente d'uma Republica infantil).

NO PAIZ DA EMPENHOCA

—Truz, truz.

E, a sopeira garrida do sr. Fulano de Tal professor do lyceu de Lisboa ou lente de qualquer Universidade vem abrir:—Quem é?

—Faz favor. O sr. Fulano está em casa?

—Sim senhor.—O individuo que batera, entra e espera na saleta.

D'ahi a pouco chega o sr. Fulano com cara de preoccupado.

Cumprimenta o visitante e inquere o que deseja da sua tão humilde pessoa. O outro então explica — Vossa Excellencia, conhece decerto o Forjaz; pois minha mulher andou no collegio com uma prima da afilhada da mulher d'elle. Já vê V. Ex.ª que fazendo meu filho exame hoje, lembrei me de pedir a minha mulher para pedir á prima da afilhada da mulher d'elle para lhe escrever afim d'elle se interessar junto de V. Ex.ª pelo meu pequeno. O sr. Forjaz mandou-me então, esta cartinha para V. Ex.ª. O meu pequeno, sabe, é muito intelligente e vivo, mas nervoso e tenho medo que se atrapalhe. V. Ex.ª é que me podia valer se quizesse... etc., etc.

Dois dias depois no «Seculo» lia-se na secção Exames em lettra gorda: «Fez hontem exame do 1.º anno o menino Procopio das Neves filho do nosso amigo Estanislau das Neves, abalisado commerciante da nossa praça, provando mais uma vez quanto é intelligente pois sem custo passou com distincção».

Esta noticia fôra preparada ainda pelo sr. Estanislau que conhecia na Associação Commercial um sujeito que tinha um primo que se dava com uns rapazes jornalistas, e elle pedia para lhe fazerem aquella prova de amisade, abrindo as portas da vida ao filho.

Durante o curso todo, a scena repete-se e no fim d'elle, o menino Procopio, já não é o Procopio, modesto filho do nosso amigo Estanislau, mas o estudante distincto da Universidade de Lisboa. Pela vida fóra em todo o transe difficil, o pae acudia-lhe sempre, fazendo valer dos seus conhecimentos, e é assim que Procopio se torna afim, uma mentalidade nacional.

Procopio, ao de leve, sintetisa o homem publico portuguez; ou o empregado superior ou o politico de confiança ou o reputado commerciante. Procopio é o homem que se «arranjou», é o homem que trepou que subiu. Não foi o intellecto que o guindou e o fez entrar na Sociedade; foi uma boa «cunha».

—E' por isso que Portugal ha-de ser sempre um paiz de mediocres.—Nas escolas então o empenho campeia desenfreadamente. Eu tenho atravessado quasi todas as escolas de Lisboa e em todas ellas tenho pasmado da fórma como lá se faz instrucção. Ha dias o «Matin» citando dois factos de exames successidos este anno em Paris achava que o nivel da capacidade do estudante baixava. Um dos factos era o alumno examinado não saber explicar a differença entre filho legitimo e natural e chegar a responder, quando o examinador lhe perguntou qual era mais facil de fazer, que era o filho natural!

No entanto, naturalmente esses alumnos ficaram reprovados e saneada um pouco a sociedade de os admittir no numero dos intellectuaes. Mas, se o «Matin» soubesse que no 7.º anno d'um curso dos lyceus, em que pelo menos o alumno tem 17 annos se citava como possessões do seu paiz, Angola, Moçambique e Lourenço Marques ficava então convencido que o seu paiz, apezar de o nivel de estudos baixar, ainda está muito superior ao das outras nações. Mais se banzaria ainda, o «Matin» se soubesse que a esse alumno foi dada a passagem e que o facto se passou n'uma escola de capital importancia, d'onde iam sair os cerebros que formariam em grande numero o exercito portuguez: o Collegio Militar.

Se o «Matin» soubesse que n'uma escola superior da capital d'um paiz, ha alumnos que são classificados em certa cadeira pelo numero de folhas de papel que se compra ao continuo e que dando-se lhe no fim do anno dez tostões se passa com 10, se se dá 15, com 15, então o «Matin» abençoaria o seu paiz, e desprezaria as gerações futuras dos outros paizes.

Em Portugal o unico reducto escolar onde não tem entrado, talvez, muito á cunha, ou pelo menos onde não é tão descarada, é em Coimbra· Coimbra é a terra dos estudantes, quem alli manda são elles; não são muito precisas as cunhas; se se quer passar offerece-se uma «tósa» ao professor ou mostra-se-lhe má cára. Elle já sabe o que quer dizer... e deixa-o passar.

E, mesmo já a Coimbra d'hoje não é a d'outr'ora.

Ha dias conversei com um estudante de lá. Vinha um dandy, «um pinóca.» Sapatinho de laço, meia aberta, monoculo, lembrou-me que lá existia agora a Juventude Catholica ou coisa que o valha!

Recordei então a Coimbra d'outras eras, em 91, com os seus estudantes revolucionarios, honra d'uma patria, futuros cerebros d'uma nação. Lá estavam Augusto Barretto, João de Freitas, Alexandre Braga, Affonso Costa, Malva do Valle, Cunha e Costa, Arthur Leitão e Antonio José d'Almeida.

O enthusiasmo das suas almas novas expande-se e vê-se na Desafronta: «Nunca calculámos que a revolução viesse tão depressa, mas prevenindo todas as hypotheses, posemo-n'os em campo. Continuamos os exercicios com a espingarda Kropatchek e unimos mais, fortificando-a, a nossa organisação secreta».

Hoje sae de lá um ou outro mais esperto, um ou outro com aptidão para o canto ou para a muzica, sáe de lá um ou outro poeta e o resto são nullidades.

Fallou-se em tirar de Coimbra a Universidade, mas o povo commercial protestou. Quem fez Coimbra foi o estudante; o que seria de Coimbra sem elle? Não se concebe como não se concebe Lamego sem paios, Aveiro sem óvos molles, Setubal sem laranjas, como não admitto Theophilo sem guarda chuva, nem concebo, Camacho sem sebo.

As arrufadas ficavam sem ser trincadas e as tricanas arrufadas. E no entanto era preciso refundir aquillo.

Alberto Costa, o saudoso Pad-Zé, no Doutor Assis, phantasiou a Universidade, e, alguem disse: «A feição pedagogica do doutor Assis representa o substractum das mais notaveis qualidades que abrilhantam a maioria do professorado do nosso primeiro estabelecimento d'ensino superior—maioria que é como elle «auctoritaria, dogmatico, rouceira, inculta, retrogada»—e, como elle tambem subtil e profunda em seus dizeres.»

Pode haver uma phalange demagogica, altruista ou não, que dê que fazer ao ministro do Interior, mas emquanto não houver homens com a consciencia do que é ir ensinar alguem, a patria permanecerá n'um atavismo doloroso, n'um progresso retardado.

Remodele-se por completo o professorado, modifique-se os methodos do ensino, torne-se a Instrucção atractiva e interessante e nós caminharemos. Deixarão de haver Assis que digam, o imposto em Roma ter começado por não existir ou que indaguem se o homem que nasce morto, nasce ou não nasce.

FULANO DE TAL.

Coitado!

O frontão por causa do incendio crestou-se alguma coisa.

Aquelle é que ficou da côr da pelle dos cuamatas!!

E' atropelar n'elles...

Os guarda-freios amadores que andam a guiar os electricos do Porto teem-se portado que nem uns valentes.

Nem velhas de 80 annos escapam!

Vinde a meus braços!

Vinde, traidores, é chegada a hora
Em que o povinho vos estende a mão
E perdôa a grandissima traição
Que tendes machinado lá por fóra!

Voltae, villões, aproveitae agora
Esta deslumbradôra occasião!
Vinde depressa, vinde de roldão,
Não percaes algum tempo na demóra!

Voltae que o vosso nome é portuguez,
Mas deveis ter a linha de «honradez»
Dos «vossos» immortaes antepassados.

Basta só que depois d'esta alforria,
Retomes a alterósa «fidalguia»
E nos roubeis a todos bem roubados!...

CHRONISTA.

PEÇO A PALAVRA

Revista de Alvaro Cabral e João Bastos

Com este titulo, entrou em ensaios no popular Theatro das Variedades, uma revista de que são auctores o espirituoso actor Alvaro Cabral e o distincto escriptor João Bastos.

A peça ao que nos dizem tem pilhas de graça, nem outra cousa ha a esperar d'aquelles chistosos escriptores e será posta em scena com grande deslumbramento de scenario e guarda-roupa.

Na revista «Peço a palavra», além de entrar toda a actual companhia, estreiam-se os distinctos artistas Amelia Pereira e Nascimento Fernandes, que fará o «compère», o mesmo que dizer, a platéa estará em constante hilariedade, pois ainda está na memoria de todos a fórma engraçadissima e original como o Nascimento interpretava o 123.

A' empreza do Variedades felicitamol-a pela excellente acquisição que conseguiu obter para o seu theatro, felicitando ao mesmo tempo o publico que vae continua a ter onde passe umas horas agradaveis.

Factos são factos

Ninguem póde nem deve ignorar, quanta actividade e tacto é indispensavel dispender para, se agir na reconstrucção do novo edificio social que vae ser erguido sob os escombros d'essa velharia que durante uma existencia de oito seculos, viveu em trevas e das trevas! Ninguem ignora tambem, quanta moralidade urge fazer presidir a esta reconstrucção, quanto vigor e quanto desassombro não é neccesssario desde a collocação dos seus primeiros alicerces, á ultima demão da cupula do novo edificio social.

Trabalho bem arduo e não menos difficil, para não dizer impossivel, n'um meio tão morbido e corrompido como é este em que vegeta (digamos assim em nome da verdade) a grande familia portugueza; foi gigantesca a obra de demolição que nos ultimos 20 annos fez o partido republicano, quantos sacrificios, quantos os martyrisados, quantos os que vencidos pela inanição foram repoisar na valla do mysterio, no infinito do nada; quantos hoje se acoitam nos cantos escuros para mitigar a dôr que lhes vae n'alma, a soffrer no silencio a miseria que os acompanha, para verem os intrusos da ultima hora, sentados ao lauto banquete com que o favoritismo e um pseudo heroismo os premiou em nome da amargura e do sacrificio dos outros! Era uma republica bastarda para a indulgencia e para o favoritismo que os velhos pregoeiros d'esse sublime ideal — a causa — sonharam e por ella soffriam e para ella trabalharam! A republica não é de paes de afilhados, é do povo portuguez, é a alma da nossa patria, a luz guiadora d'este grande e bem soffredor povo que nasceu n'esta colmeia d'oiro, que o mundo inteiro inveja e se chama — Portugal!

Trabalhar pela republica — chama-se desinteresse, amor e dedicação — e não emparceirar tal como nos ominosos tempos á lauta meza do orçamento!

Ha premios de serviço prestados, que deprimem quem os concede e aviltam quem os recebe. Eis a grande verdade. A republica, tem o direito de exigir quem a sirva, mas tem de procurar leaes servidores nas fileiras dos seus velhos e dedicados soldados! Como se explica a invasão de tanto anonymo nos chorudos logares da burocracia? Vamos, sejamos ao menos homens uma hora e tenhamos a coragem dos nossos actos e a consciencia dos nossos erros! O sol quando nasce é para todos, tudo tem direito á vida e ao pão da existencia mas, exijimos em nome do direito—justiça e só justiça.

Bem sabeis senhores do governo, e bem melhor que nós, que os ideaes são inatacaveis, quem melhor do que vós sabe que não se arrasa um ideal pela simplissima razão de se atacarem as incorrecções dos homens porque—«errare humanum est!» Não será pois um crime continuar na vergonhosa vida d'outros tempos—favoritismo sobre favoritismo! Sim é um crime, e para honra da republica, para honra do povo que é quem tudo supporta e que de boa fé confia e deve confiar na gerencia d'esta vida nova; urge um dique no favoritismo, e uma energica attitude para os que se dizendo republicanos, vão em nome das suas hypocritas convicções, conseguindo os seus fins sem escrupulos dos meios para os obter. Não se fez a revolução para limpar tanta podridão?

Não destruimos um regimen de mentira e de crapulas para entolhar um pantano?

Para que estamos obstruindo com pedintes importunos e falsos republicanos, esse pantano com mais podridões que as que já antigamente exalava?

A republica, o que necessita é de homens para a defender e para a consolidarem, para a robustecerem, e pela honestidade, pela moralidade e ainda pela consciencia civica do seu povo, a podermos impor ao mundo inteiro! Ella, não necessita mais burocratas, mais comilões com talher d'oiro a gorda banca do thesoiro nacional Basta de partir a fatia do bolo por afilhados na sua maioria antigos inimigos da republica e dos seus leaes (note se bem) soldados.

(Continua)

ARIEGNARAL.

Tarde piaste!

O cidadão Grandella descobriu num hotel de Orense dois conspiradores... a assobiarem o hymno do rei!

Olhem, meninos, assobiem-lhe ás botas!

FICAVAM DOIDOS!

Ai meninos, se vocês vissem as damas da Liga Republicana e os peixões da Associação das Parteiras, incorporadas na romagem a Sarah de Mattos!

Até perdiam a transmontana!

AO POSTIGO

IV

Meus senhôr's, a novidade
E' ser eleito reitôr
Da grande Universidade
Um nosso gentil confrade,
O ministro do interiôr.

Não lhe nego competencia
Para occupar esse cargo,
Porem concorde vóssencia,
Essa prova de sciencia
Tem um gosto muito amárgo...

Ou tratamos de instrucção,
Ou de negocios da arcada;
Duas coisas é que não,
Pois n'este caso em questão
Nunca se trata de nada!...

Mas caso vossencia acceite,
Tenho a honra de propôr
Com muitissimo deleite,
Muito embora alguem regeite,
O «Tlim» para professôr...

O CHRONISTA.

De Herodes para Pilatos

Brevemente deve ser entregue a uma empreza theatral, a revista com o titulo acima, de que são auctores os nossos correligionarios Modesto e Braga, em 2 actos e 8 quadros, que segundo a leitura do 1.° acto, suppômos ser peça para fazer longa carreira, visto ter incontestavelmente muita originalidade e graça. Tem um quadro de verdadeira phantasia, e nunca visto em peças d'esta ordem.

—O Paiva amalucado deixar de ser casmurro dizendo que a monarchia é possivel restaurar-se, quando nós estamos fartos de berrar que: é impossivel, impossivel, impossivel.

—Deixar de haver revisteiros na Estrella.

—Não apparecer n'este bairro uma revista por semana.

—As ditas revistas subirem á scena.

—Ter se noticia de quando é que o sr. Gouveia vôa no seu aeroplano.

—O sr. Camacho não vir a escamar-se contra o feriado semanal da Constituinte.

—O Zé deixar de comer peixe podre pago por bom dinheiro.

—O azeite baratear.

—As farinhas cessarem de ser monopolisadas.

—A agua deixar de ser a dois tostões cada metro.

—Os contadores custarem menos de seis vintens cada mez.

—O vinho deixar de ter agua.

—Organisar-se uma boa vigilancia contra os generos falsificados.

—Os falsificadores, os exploradores, os açambarcadores, deixarem de ser «honrados e conceituados negociantes da nossa praça», quando não são mesmo, «sinceros e amigos republicanos»!

O «arrojado» bandarilheiro Torres Branco deixar de passar na travessa d'Agua de Flôr tres ou quatro vezes por dia.

—A Constituinte deixar de receber telegrammas de regosijo pela implantação da Republica no parlamento.

—O Zé Ilheu entrar na officina antes das sete e meia da manhã.

—Os carroceiros deixarem de maltratar as pobres bestas que se fartam de trabalhar.

O «Caracoles» publicar um artigo no seu ridiculo jornal, que não atire para azar.

—O senhor Bernardino Machado deixar de ter palavrinhas doces.

—Acabar a zaragata entre os artistas do theatro de S. Bento.

—Comer-se com aceio em tabernas manhosas.

—A policia de Evora não trazer nos botões a coroa do rei, e no braço as fitas da Republica.

—A lei do descanço ser cumprida.

—O sr. Zé d'Almeida que tanta chiada faz e de tão tezo se blasona, fazer cumprir esta lei nas terras onde a não respeitam, tanto na provincia, como até mesmo aqui em Lisboa, apesar da tesura de s. ex.ª

—Não rebentar outra manifestação antes do fim do mez.

—Os passeios do Rocio não estarem atulhados de «cuspidores» do Gelo.

—Deixar de haver trabalhadores sem trabalho.

—Acabar-se a miseria.

—Annular se a penuria.

—Extinguir se a «pilhareza»!

Não estão lá

Dos ministerios do Interior e do Fomento não costumam responder aos officios da Camara Municipal.

E' que os democratas Camacho e Zé d'Almeida não ligam mesmo nenhuma ao municipio do povo!

O GRANDE D. PAIVA ! NO SEU CAVALLO DE BATALHA

Como homenagem ao grande **BULTO** apresentamos o **HIRÓS** tal como anda na conquista de charcos para a fundação d'um reino de sapos e rãs, mas se o diabo do cavallo se espanta e atira a preciosidade por terra é uma perca que não se substitue.

Casos bicudos

Caro amigo e heroe anonymo

O projecto do sr. Macieira creando medalhas de ouro e de prata para os heroes anonymos da revolução, far-me-hia lembrar de ti, se eu alguma vez te houvesse esquecido.

Com effeito eu nunca te olvidei depois d'aquelles grandes dias passados. Por toda a parte me acompanha a lembrança da tua figura baixa e franzina e do teu olhar vivo e leal.

Tu deves-te lembrar de mim. Foi n'aquella noite em que foram precisos quinze homens que eu te conheci melhor. Velavamos por detraz da barricada sentados n'uns tijolos pouco macios d'arma adormecida encostada aos joelhos e os olhos cançados fixos no fundo da Avenida Duque de Loulé, na linha illuminada dos candieiros, onde se cruzavam os vultos indecisos das vedetas destacadas.

Esperava-se artilharia 3, «o papão».

Paiva Couceiro que como deves saber anda agora a conspirar e ao qual só falta um salvo-conducto, fornecido pela Republica,—esse já não metia medo nem a uma mosca, quanto mais áquelle punhado de rapazes com genios picados das bexigas! O perigo vinha todo de Santarem.

Alli havia tanta gente com coragem para o ir esperar ao caminho!...

*

As vedetas lá andavam ao fundo, deslisando como phantasmas, a velarem, á espera de lobrigar o inimigo ou que este os avisasse com um tiro certeiro.

Eu, sentado ao lado da peça do sargento Rego que ha dias encontrei todo airoso com as suas pernas em arco mettidas n'umas calças de tenente,—eu entretinha-me a soprar o fumo d'um «pachá d'um kiosque da feira, a coisa melhor, que, ainda assim, houve lá na Rotunda. E acredita que, graças a esse maná, alli não faltou quem fumasse «pachás» com uma penna enorme de não poder fumar «reis»!

Mas vamos ao que importa:

Veiu um sargento e pediu quinze homens. E logo tu, como se effectivamente fosses algum homem, meu heroe anonymo de quinze annos, puzeste-te em pé d'um salto, e dissesle firmemente: eu!

E fomos.

Armas ao hombro, dois a dois, marchamos Avenida Duque de Loulé acima, silenciosos, fixes n'um mutismo solemne só de tempos a tempos interrompido por um que rogava pragas ao da frente, porque este somnambulo e cambaleante, atrazava o passo impedindo-o de marchar.

Junto ao portão dos bois e mais collegas de quatro pés, parámos nós, os collegas de quatro patas, com as nossas armas matadoras de gente.

Alli, o sargento, dividindo os seus homens, mandou-nos de vedeta para a esquina da Avenida Fontes Pereira de Mello e d'outra rua de que não sei o nome.

Disseram-nos que d'alli a duas horas nos iriam render, mas a verdade é que só de manhã nos appareceu um cabo reservista a mandar-nos retirar e a fornecer-nos uma «moca» muito forte e muito doce.

Durante toda essa noite deslisámos lado a lado, (eu de caixa-d'oculos e casaquinho de racha e tu de boina á gallega, blusa de ganga e pés descalços), ao longo do jardim que rodeia o palacio do meu «collega» Silva Graça.

Tu andavas solemne e grave, devagarinho, como se não quizesses com as tuas botas cor de carne, fazer ruido nas pedras do passeio. Eras tu que me mandavas parar e marchar novamente, sempre muito concentrado, só fallando para me recommendares que andasse mais devagarinho.

A's minhas perguntas de tagarela ficavas mudo e se eu, para desafogar, te dizia que tinha «zala» davas-me um cigarro e dizias-me que logo se comia.

O que tu não querias era barulho.

Andavas concentrado a pensar, mais seriamente do que eu, na tua missão de vedeta atenta sempre d'olhos a investigar escuridão.

Tudo te parecia inimigos e nada te precipitava. Nunca te vi metter a arma á cara sem ser preciso, como imprevidentemente muitos homens fizeram. Nunca massaste pedindoqualquer coisa, ás pessoas que receiosas espreitavam pelas janellas. Nunca rogas-te uma praga ao palacio do Silva Graça.

Eu, morto de somno, cheguei a propor-te que nos deitasse-mos um bocadinho n'um d'aquelles bancos que teem dois assentos, um de cada lado e em direcção differente.

—Não—respondeste—e se adormecessemos?! Deita-te tu se quizeres.

Não me deitei. E foi então que tu, naturalmente para me espalhares a somneca, te resolveste a abrir commigo contando-me o que havias feito, o que não é nada, meu amigo, ao pé do que fizeram os heroes dos attestados.

Depois rompeu a aurora, retiramos para o acampamento e... nunca mais te vi.

*

Não sei, meu amigo, o que é feito de ti. E tenho visto tantos heroes!.....

Convocaram-se reuniões.

Fui por-me de longe a ver se te via.

Não estavas lá.

Ouve distribuição de attestados... de frequencia. Tambem não appareceste a reclamar o teu.

Fizeram-se fiscaes dos impostos.

Indaguei se tinha sido nomeado algum heroe sem attestado, que não tivesse botas. Disseram-me que não.

A assembleia Nacional do alto do seu varandim, proclamou-te solemnemente «benemerito da patria». E nem investido com as honras d'esta alta dignidade tu appareceste!

Agora o sr. Antonio Macieira manda cunhar medalhas para os heroes anonymos.

Heroes anonymos! Heroes que não se sabe quem são! Heroes de pé descalço saidos das alfurjas das vielas! Heroes famintos, que junto dos palacios diziam resignadamente que logo se comia!

Tu és um d'elles! E não apparecerás tambem?

Não te esqueças de vir reclamar a tua medalha.

Vem buscal'a, heroe anonymo, se não foste enviado para a Africa como vadio!

VIU-SE GREGO

É isso

Sabe-se pelo «Jornal de Saude» de Luiz XIV, que este rei no espaço de 59 annos tomou 2:000 purgantes.

Ora aqui esta a razão porque os reis sujam tanto as ceroulas!

EPIGRAMMAS

XIV

Um grande e sabio doutor
Tinha este lettreiro á porta:
—Entra cá a gente viva
Sàe de cá a gente morta.

Dum taberneiro do lado
Na porta resava assim:
—Compro agua da companhia
Vendo vinho de Almeirim!

A' porta da padaria
Lia-se em lettra miudinha:
—Pão fino. Hygienico methodo
Em que não entra farinha.

Um alfaiate a seguir
Dizia em grande lettreiro:
—Fatos promptos a vestir,
Para quem trouxer dinheiro...

Mais abaixo o mercieiro
Annunciava á gente leiga:
—Manteiga de puro leite
Em que não entra... manteiga!

—Barbearia Economica
(Resava um outro velhaco)
Aqui se corta as guelas
Sómente por um pataco.

Dizia um outro (e só nisto
Gastára toda a sciencia!)
—Zé Faisca, ferrador
A' «ordes» de «vocelencia».

E no lettreiro um adelo
Tinha esta piada bôa:
—Chapeus molles, côcos velhos,
P'ra reis que não tenham c'rôa!

Terrivel...

Eu sei onde me julgam um D. Juan,
Um Nero a incendiar os corações,
Buscando provocar loucas paixões,
Conquistas procurando com afan.

Onde me julgam peor que uma quartã
Capaz das mais ferozes, vis traições,
Com sentimentos maus, más intenções,
Um homem de consciencia nada sã.

Cupidineo, qual guarda «mancipal»
Do tempo em que os havia insinuantes,
Um satyro sem alma, um cannibal.

Não sei que coisas mais, extravagantes
«Só sei que um imbecil sendo afinal
'Inda em cima me egualam a tunantes.»

ARTHUR NEVES.

Ao correr da fita

—O' visinha, já leu o «Seculo d'hoje?

—Não, porquê?

—Pois leia que vale a pena. Traz coisas interessantes!

—Conte lá algumas, visinha, emquanto não vem o meu.

—Olhe: diz que em algumas terras os alimentos estão n'uma carestia que nem á mão de Deus Padre se lhes pode chegar!

—Sério!...

—Ha terrasinha onde a batata se vende a cinco tostões a arroba.

—Crédo! Mas isso é incrivel!...

—Pois pode crer! Vem no jornal. E as cebolas tambem!

—O quê? O jornal tambem traz cebolas?

—Não! Digo eu que as cebolas tambem estão caras em muito sitio!

—Isso não admira. O tempo tem estado exquisito...

—Mas o tempo tambem «infloe?» Não será manejo dos commerciantes?

—Talvez! Isto é uma pouca vergouha...

—Até o proprio pão! Apesar de toda a hygiene, ainda não vem limpo! E parece que peza menos...

—Não vê a visinha que os kilos agora são mais pequenos...

—Ah!

—E é por causa d'isso que as roscas que compro se comem emquanto o diabo esfrega um olho... Falta de massa!...

—Pelo geito que as coisas levam estamos arriscados a morrer de fome!

—E' darmos cabo dos merceeiros! Vamos-lhes ao chouriço, á banha...

Se fossem só os generos de mercearia...

—O quê? Ha mais?

—Ha os generos alimenticios de carvoaria: carqueja, bolas...

—Bolas, digo eu, visinha! E' um roubo...

—Que lhe havemos nós de fazer?

—Revoltarmo-nos! As donas de casa protestarem!...

—Calcule a visinha que até o carvão...

—Oh!...

—Está por um preço medonho!

—Ih!...

—E vae augmentar ainda...

—Uh!...

—Que me diz a isto?

—Olhe do carvão não me importo eu... Tenho bom corpo para trabalhar! Vou ao matto, á lenha...

—E governava-se com lenha?

—Ora se governava! Era questão de andar a apanhar cavacos...

Viseira carregada

Arthur das Neves, nosso antigo collaborador desde os tempos do Xuão, talvez arrependido da sua longa ausencia, devida de certo só á mandria, volta hoje ás nossas columnas e promette-nos sinceramente a sua collaboração assidua.

Do nosso correligionario e amigo ousamos esperar o cumprimento da sua promessa.

I

Metade do mundo entretem-se já a prophetisar quem será o primeiro presidente da Republica Portugueza, ao passo que a outra metade se entretem a fazer joguinho para que lhe venha cahir ás unhas o ambicionado poder. Sempre os mesmos os ambiciosos e sempre impudicas a ambição e a vaidade humanas. Mas, meus senhores, Bernardino Machado disse em tempos algures que os portuguezes haviam de ser governados pelo melhor de todos elles e seguramente nenhum de vós, oh! pretendentes, póde ter a convicção de ser o melhor nem a pretenção de o dizer sem risco de ser immensamente immodesto! Esperai pois socegadinhos e callados o resultado da eleição e votae n'aquelle que julgardes o melhor dos portuguezes, não em vós.

Bons portuguezes ha tantos que a escolha não póde deixar de ser difficil e dividida a votação, cujos resultados podem muito bem ser uma surpreza para muita gente e um desengano para alguma. E oxalá que o seja, pois só assim a Presidencia nos daria garantias de criterio, seriedade e independencia. Nada de joguinhos e nada de combinações.

*

Dez mezes depois de instituida em Portugal o novo regimen ainda ha na cadeia do Limoeiro, para vergonha de um paiz e d'uma civilisação, mais de 50 creanças presas. Que tristeza e que desespero isto nos traz!! Pois quê?! Ha quem se julgue no direito, em pleno regimen republicano, que deve ser o poder constituido mais approximado da Justiça, de mandar recolher a uma cadeia em promiscuidade com chulos, gatunos e assassinos, creanças que só são victimas da fome e da falta de instrucção e de Educação, ou em ultima analyse, da má organisação economica e social da humanidade?! Não se prendem aquelles que lançaram talvez na miseria os progenitores d'essas creanças, os que as lançaram á rua, á vadiagem e ao vicio; isso não!! Não se prendem os parentes ricos que algumas d'ellas porventura tenham e que lhes recusam o pão do corpo e do espirito, n'uma ganancia e n'um egoismo de chacaes; isso não! Não se prende algum miseravel que os induziu ou aconselhou ao crime, directamente interessado na pratica do mesmo e que foi talvez atascar-se em vinho e em tabaco no mesmo dia em que os desgraçados foram presos e com o producto do roubo que os levou ao Limoeiro, ou de outros que elles anteriormente haviam praticado, em troca d'umas miseraveis sopas ou de um miseravel naco de pão; isso não!

Mas prendem-se as victimas d'esta miseravel sociedade, em que só injustiças se praticam e só porcarias se veem!...

Justiça e Humanidade, senhores dirigentes!...

*

Vae para ahi o diabo por causa da dotação presidencial, pois ha menino que queria ver o presidente á paz de pilulas, a pôr o relogio no pinho em 20 do mez para o tirar no fim, a comprar fiado na tenda, etc. etc.

Ora... menos demagogia, meus senhores... Se a Republica não póde e não quer tolerar immoralidades e adeantamentos que lhe venham tirar a extraordinaria força moral de que necessita para bem se equilibrar, tambem não pode nem deve pagar pifiamente ao homem que a tem de representar interna e externamente e que não ha-de ir pedir uma corôa emprestada quando n'uma cerimonia ou n'uma viagem se lembre de gratificar um criado ou de beber uma cerveja. Exijam-se responsabilidades e muita moral, mas pague-se decentemente a quem desempenha funcções elevadas e melindrosas, seja Presidente, seja Ministro, seja Director Geral, seja Deputado. O que não quer dizer que se desperdice, nem que se esqueça jámais o pequeno.

Só quer dizer que é necessario criterio e muito criterio...

ARTHUR NEVES.

♣

Novo Sol

E' o titulo da nova revista original do nosso camarada Arthur Arriegas (Arre & Egas) que brevemente entrará em ensaios n'um dos nossos theatros populares.

♣

"Aviso ao publico"

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes resolveu estabelecêr viagens a preços reduzidos em todas as suas linhas a fim de que todos os portuguezes possam vir a Lisbôa apreciar os deslumbrantes espectaculos que se estão realisando n'esta cidade. Egualmente varias Emprezas de Navegação a Vapor fizeram importantissimas reducções nos preços das suas viagens, de forma que este «bello jardim á beira mar plantado» será em breve visitado na sua melhor «cidade» por representantes de todas as partes do mundo desde as mais altas até ás mais baixas. Assim ninguem deixará de applaudir a maravilhosa companhia de oppereta que no «Colyseu dos Recreios» dá espectaculo todas as noites, tendo todas as peças do seu bellissimo reportorio o mais assombroso successo.

As salvas de palmas estrugem unisonas nos finaes dos actos mostrando d'esta forma todo o publico quanto aprecia os distinctos artistas que ali trabalham. Todavia a empreza não contente em proporcionar ao publico espectaculos da mais requintada arte dá ás terças e sextas feiras espectaculos a meios-preços de fórma que por 1$500 réis podem ir cinco pessoas para um camarote de 1.ª ordem gosar o trabalho da mais completa companhia de opera-comica e oppereta que tem estado entre nós.

Decerto tambem ninguem deixará de ir applaudir a «Gente miuda» que no «Theatro da Trindade» causa admiração a toda a gente que á noite a vae visitar. Tem sido grande a concorrencia pois os meuditos são muito delicados e recebem todos com um bom humôr que que dispõe os cidadãos optimamente.

Para gosar o fresco e vêr as caras queridas da Adelina Abranches, Alexandre d'Azevedo e outros não serão poucas as pessoas que metterão «busios» ao caminbo do «Jardim da Estrella» onde os referidos artistas estão representando com successo de bilheteira, e como tristezas não pagam dividas e é provavel que apezar das viagem baratas muita gente se empenha para cá, alli recommendamos a esses uma visita ao «Apollo» e outra ao «Variedades» que certamente com as bôas piadas da «Agulha em Palheiro» ou «Fura-bolos» e as piadas e coristas do «Pó de Perlimpimpim» esqueçarão credores, dividas e até, se calhar, a hora da partida do comboio e a cara metade que lá na térrinha ficou a chorar a sahida do seu «rico maridinho».

ZÉ PIMENTA.

♣

Foi por isso

No incendio da Camara Municipal compareceu o ministro das finanças e o do interior enviou o secretario.

O do fomento não appareceu porque a gordura é inflamavel.

♣

Se calhar é...

A policia de Chicago, por causa de uma peste, andou por lá, furiosamente, á caça dos gatos.

Quem sabe se o João Franco é que é agora o chefe da policia de lá?

UM GRANDE ACTOR

(O ultimo acto d'uma grande PEÇA)

A **ovação** é formidavel e o exito uma grande **victoria!**

O grande artista vê-se obrigado a retirar de scena mas nos bastidores é que está o perigo!!!